

Educação midiática e tecnológica na formação docente¹

Edilane Carvalho TELES²
Gláucia Silva BIERWAGEN³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo origina-se da investigação realizada com professores de educação básica em vinte e três estados no Brasil, com o objetivo de identificar desde a formação inicial, se os estudos foram voltados às inter-relações comunicação-educação e; se no percurso da prática pedagógica realizaram formações para o trabalho com os meios e as tecnologias em sala de aula. Busca conhecer como direcionam seus entendimentos sobre a área e, para tanto, utilizou-se como técnica investigativa um questionário que abrangeram 509 professores. Os resultados indicam um mapeamento por amostragem do cenário brasileiro, vislumbrando as possibilidades da educação midiática e tecnológica na formação inicial e continuada dos docentes.

Palavras-chave: formação inicial e continuada; docência; mídias; tecnologias.

INTRODUÇÃO

Este estudo é um mapeamento realizado pelo MECOM⁴ (Mediações Educomunicativas) sobre a formação e práticas docentes nas inter-relações comunicação e educação no contexto do ensino básico. Se constitui em um dos resultados da pesquisa realizada no período de setembro de 2018 a fevereiro de 2019, a qual tem como escopo principal, conhecer as inter-relações da comunicação e a educação no contexto do ensino básico, a partir de questionários *on-line* e impressos em várias regiões do Brasil, não sendo diretamente indicadas ou escolhidas, mas realizadas de acordo com as possibilidades dos pesquisadores em proceder com a coleta de dados. Foi amplamente

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em setembro de 2019.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM – USP); Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus III. E-mail: edilaneledes@hotmail.com

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM - USP). Mestre em Educação (FE-USP). E-mail: galsilv@usp.br

⁴ Mediações Educomunicativas: grupo de pesquisa apoiado pelo CNPq e baseado no Departamento de Comunicações e Artes/ECA/USP/PPGCOM, sob coordenação do prof. Dr. Adilson Citelli. Pesquisadores associados: Dra. Ana Luisa Zaniboni Gomes, Dra. Eliana Nagamini, Dra. Elisângela Rodrigues da Costa, Dra. Helena Corazza, Dra. Maria do Carmo Souza de Almeida, Dr. Rogério Pelizzari de Andrade, Dra. Sandra Pereira Falcão, MS. Suéller Costa; Doutorandos: Ms. Douglas Calixto, Ms. Edilane Carvalho Teles, Ms. Gláucia Silva Bierwagen, Ms. Michel Carvalho da Silva; Mestrandos: Roberta Takahashi Soledade e Wellington Nardes; Iniciação científica: Rafaela Treib Ta borda.

divulgado, sendo possível ser respondido pela internet, sem, contudo, ter um interlocutor presente.

Este artigo não tratará dos dados de toda a pesquisa, mas apenas de um de seus fragmentos, a formação docente, a partir das respostas dos colaboradores voluntários dos estados participantes, os quais possibilitaram uma excelente oportunidade em (re)conhecer como são realizadas as oportunidades formativas, quanto aos meios e processos comunicacionais, nas várias direções que tem tomado a nível nacional, não tendo exclusivamente um termo para definir, mas um campo e/ou área de abrangência para orientar. Como os dados demonstrarão, as respostas são variadas, tendenciando para um tipo de respostas pela maioria das escolhas, que ajudará a caracterizar o perfil do processo de formação, os percursos e práticas evidenciadas, que servirão como referências iniciais para a interpretação da amostragem levantada sobre a educação midiática e tecnológica do docente.

A proposta parte da denominação de educação midiática e tecnológica por uma razão, a de que a docência quando se refere à interface comunicação e educação a inclui como um dos maiores desafios, assim como, um aspecto a ser esclarecido e aprofundado no campo da formação e das práticas em sala de aula. Ao falar da formação docente, Citelli (2010, p. 83) comenta *que já não se trata mais de reiterar processos formativos ancorados na razão instrumental*, portanto quando falamos em educação midiática e tecnológica não estamos falando de uma mera “alfabetização tecnológica” ou mero “letramento midiático e informacional”. A partir de princípios filosóficos da obra de Paulo Freire e de diversos autores latinoamericanos – Ismar Soares, Adilson Citelli, Guilherme Orozco-Gomes, Mario Káplun, Jesus Martín-Barbero, dentre outros - o referencial teórico da inter-relação comunicação e educação vislumbra uma concepção de educação que reforça o entendimento dos sujeitos tornarem-se protagonistas em seu processo de ensino e aprendizagem, além de transformadores da própria realidade social. Portanto, a formação docente estaria ancorada na percepção de um protagonismo desses agentes. Tal arcabouço teórico norteia as análises da investigação.

Assim, a pesquisa se espalhou pelo Brasil, tendo um total de 509 respostas aos questionários entre virtual e impressos, nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul,

Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Pará⁵. Destes 306 responderam no formato digital através da internet e 203 foram realizados presencialmente com o material impresso. Foram 55 questões, 19 abertas, 32 fechadas, 22 objetivas e 12 de múltiplas escolhas. Com relação a experiência que possuem no magistério, na investigação foi identificado entre os respondentes que: (18,3%) atuam por 5 anos; (19,3%) de 6 a 10 anos; (30,5%) de 11 a 20 anos; (23,4%) de 21 a 30 anos e (6,9%) mais de 30 anos.

No estudo serão abordados três aspectos observados: (1) o primeiro se refere aos desafios da formação inicial e continuada do docentes, cujo tópico apresenta os dados em número, percentual e respostas dadas; (2) uma breve reflexão sobre a diversidade da formação para o exercício profissional e, (3) em seguida, proposições a partir dos dados da pesquisa sobre a interação docente com os meios comunicacionais, promovendo perguntas sobre o lugar, tempo e espaço na formação, de suas nomeações e propostas diversas para um mesmo campo, como é o da educação e diálogo como a comunicação.

1. Desafios da formação inicial e continuada do docente com as mídias e tecnologias

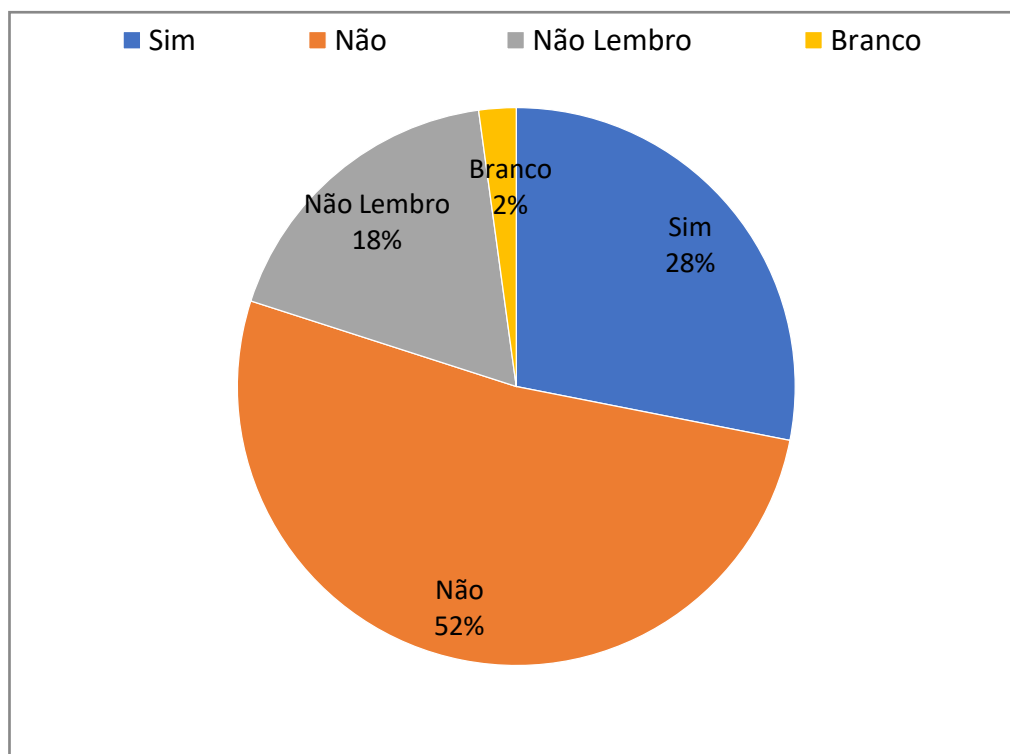
Os aspectos destacados se referem exclusivamente à formação docente, os quais contemplaram os seguintes questionamentos: (a) Se durante o curso de formação inicial tiveram a oportunidade de ter alguma disciplina sobre a área, não definindo um nome específico, foi citado estudo de comunicação e educação com as variações mídia-educação, informática na escola, leitura crítica da comunicação, televisão e criança, entre outros, deixando ainda claro na pergunta que outros termos poderiam fazer parte. (b) Com veem a inter-relação da escola com os meios de comunicação, se conhecem algum programa oficial voltado para a área, destacando os meios de comunicação ou das novas tecnologias e, (c) se realizaram ou tem interesse de fazer algum curso de formação voltado para área e o trabalho em sala de aula.

A primeira questão referente à formação foi se durante o curso de graduação/licenciatura houve alguma disciplina voltada ao estudo da comunicação na educação (mídia e educação; Informática na escola; leitura crítica da comunicação; televisão e criança, entre outras. Como o Gráfico 1 a seguir, irá demonstrar em

⁵ Dentre os questionários 299 foram realizados no estado de São Paulo e 210 nos outros estados

percentual, 264 afirmaram que não, 143 que sim, 91 não lembravam, 11 deixaram em branco. Assim, metade dos professores não tiveram oportunidades formativas na área durante a graduação.

Gráfico 1: Disciplina voltada ao estudo da comunicação na educação na formação docente no curso de graduação/licenciatura



Fonte: das autoras, 2019

Dentre os (28,1%) respondentes que indicaram disciplinas que tiveram estudos voltados a área da comunicação na educação, 45 professores lembraram que tais proposições estavam voltadas para a aplicação de tecnologias em disciplinas que tinham títulos específicos para os estudos da comunicação na educação (aplicativos, ambientes virtuais de aprendizagem, laboratórios virtuais, wiki, jogos educativos, pacote *Office*, *blog*, redes sociais), 55 docentes em suas áreas (Biologia, Física, Língua Portuguesa, Geografia, Didática, dentre outras), como *ferramentas* de apoio em sala de aula. Apenas dois professores relataram o uso de tecnologias na pós-graduação (mestrado com a temática de objetos educacionais e especialização em *Designer* Instrucional), mas que não se lembravam de disciplinas que tiveram na graduação. Um professor respondeu que realizou a licenciatura *on-line*. Dois professores indicaram que fizeram a licenciatura na

década de 1980, não tendo disciplinas que estivessem os estudos da comunicação na educação.

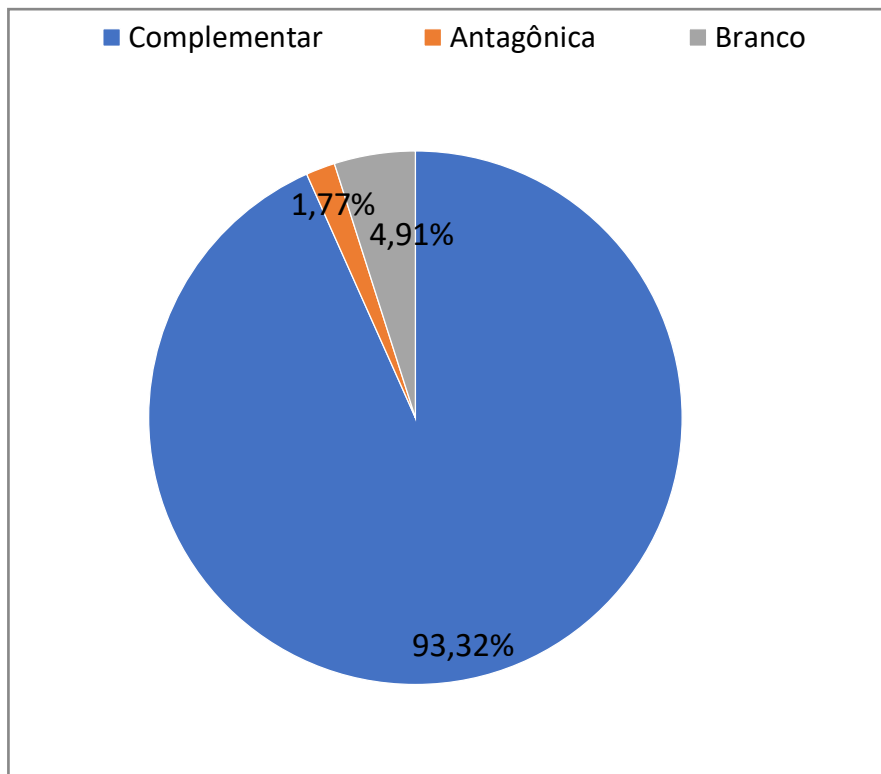
Um dos professores, que não teve disciplina específica deu a seguinte justificativa: “*Não tinha uma disciplina específica, em determinados momentos, alguns professores conversavam sobre leitura crítica da mídia nos meios educacionais*”; indicando que havia uma indefinição para a formação. Outro professor destacou que: “*TICs foram exploradas em todas as disciplinas*”, apontando que foram usadas para apresentar conteúdos.

Com relação aos nomes das disciplinas citadas pelos professores como as que desenvolveram estudos da comunicação na educação, foram citados com os seguintes títulos: *Mídia e Educação; Multimídias; Letramento Digital; Tecnologias Educacionais; Tecnologia da Educação; Informática Educativa; Educação e mídias; TIC na Educação; Informática aplicada ao Ensino; Noções de Computação para o Ensino e Tecnologia do Aprendizado; Educação à Distância com Recursos da Informática, Computador e Internet.*

Como demonstrado, existem várias maneiras de propor e trabalhar a inter-relação dos campos Educação e Comunicação (CITELLI, 2011), cujas definições, conceituais e aportes teórico-metodológicas parecem mudam em diferentes contextos, assim, como afirma Calvani (1997), sequer tem um termo/nome para definir a inter-relação, deixando nos espaços das formações docentes uma diversidade que precisa ser compreendida para o próprio fortalecimento das práticas, assim como das repostas às demandas da sociedade que estão implicadas e imbricadas com os aparatos tecnológicos e midiáticos, diferente da escola.

Quando questionados se consideram a inter-relação escola e meios de comunicação complementar ou antagônica, 475 afirmam que é complementar ou seja, 93,3 %, 9 (4,9%) antagônica e 25 (1,7%) não responderam, assim, com o percentual de quase totalidade sobre o reconhecimento da importância da interface entre os campos como demonstra o Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2: A inter-relação escola e meios de comunicação completar ou antagônica



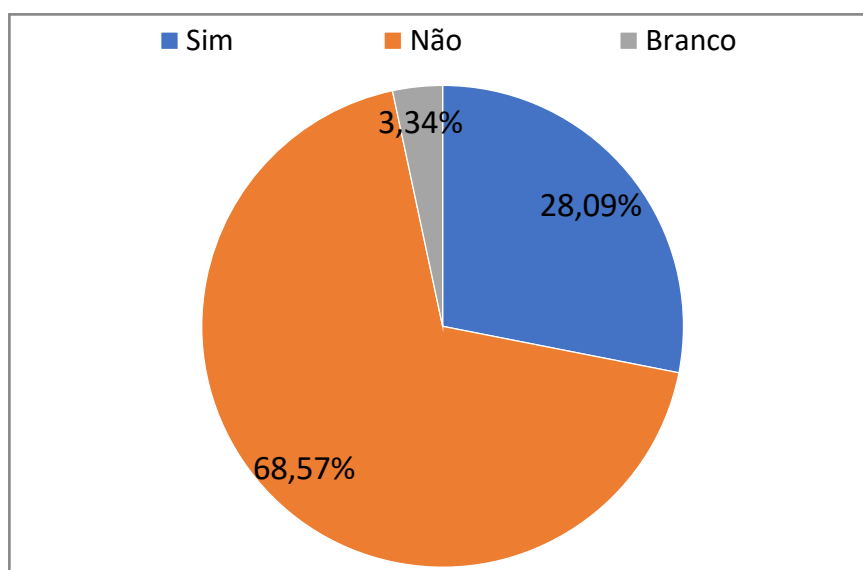
Fonte: das autoras, 2019

Portanto, há um claro reconhecimento de que as formações deveriam incluir e/ou promover ações mais pontuais e específicas que se fizessem presentes durante os percursos, pois, de acordo com as respostas, não contemplam reflexões e/ou práticas pedagógicas que orientem os campos epistemológicos e praxiológicos, promovendo assim, um distanciamento que se faz presente no campo profissional, sobre o qual, como a pesquisa demonstrou, um dos motivos pode ser considerada a ausência deste aspecto durante a formação, e outro, a diversidade de disciplinas, termos, modos de promover a inter-relação. Se a presença é/ou deveria ser ‘complementar’ como afirmam os docentes, as inter-relações nos processos de mediações nas formações deveriam vislumbrar a possibilidade de um campo de conhecimento, cujas variações precisam de esclarecimentos na abordagem proposta, sem, contudo, parecer que são áreas diversas.

Quanto ao conhecimento de alguma informação sobre um programa oficial voltado à formação permanente do professor para área com os meios de comunicação

ou nas tecnologias, 349 (68,57%) responderam que não têm informação, 143 (28,09%) responderam positivamente e 17 (3,34 %) deixaram em branco, conforme demonstrado no (Gráfico 3), a seguir.

Gráfico 3: Informação acerca de algum programa oficial voltado à formação continuada do professor para a área dos meios de comunicação ou das novas tecnologias



Fonte: das autoras, 2019

Dos 143 professores que responderam positivamente, do total destes, 124 acrescentaram os seguintes programas e ou projetos variados, abaixo destacados sem repetição, como apareceram. Pois, segundo os professores conhecem e interagem com os seguintes programas, projetos e/ou cursos:

- Os cursos de formação da escola em que leciono; pela prefeitura de SP, citando a Escola de formação e aperfeiçoamento dos professores (EFAP) do estado de São Paulo (SP), neste, a EDUCOM (Educomunicação) proposta nos currículos pela SMESP; os programas da Proinfo; a Universidade UNESP, não deixando claro se em curso ou projeto específico; a Licenciatura em Educomunicação (USP); o currículo de formação (não disse qual); os cursos de especialização do SENAC; no Centro-Oeste é citado curso ofertado pela DE (Diretoria de ensino, supõe-se pois não define) fornecido aos professores através do setor de Tecnologias; há aqueles que não lembram quando, mas referem ao governo que propiciou cursos de ‘Aprendizagem e de Aperfeiçoamento no

lidar com o Computador’; cursos EAD, inclusive citando a formação de tutores; uso do Geogebra em sala de aulas; em geral a Formação na rede municipal de ensino para educadores; cursos de especialização fornecidas por instituições educacionais; Programa Futura / Cursos da Revista Nova Escola; Letra e Vida, Ler e Escrever, PNAIC (Programa de Alfabetização na idade certa); o Estado dispõe o curso de Novas Tecnologias na Educação (NTE), (com número de vagas limitadas e é pouco divulgado); Instituto Natura; Curso de formação - pela E-nova no estado da Bahia; Fundação Lemann; UAB com cursos nas Universidades Federais; Mídias em educação, E-Proinfo; Educação conectada; DAT (Diário do Alto Tietê) na sala de aula; cursos oferecidos pelo sindicato; cursos de extensão; TV Escola, Futura e TV Cultura; Unicamp, UFLA (nestes não deixando claro se formação inicial ou continuada); Escola Digital; O Google Educator; Programa Mídias na educação; Cursos Autoestima/Hiperatividade e outros; Os ambientes virtuais de aprendizagem fornecidos pela secretaria de educação; capacitação para uso da Lousa digital; GoConqr, Prezi; Pós graduação disponível pela SED SC (Santa Catarina). Existem ainda aqueles que definem como vários, como cursos ou não lembram e um resposta em que o docente afirma ter sido *“capacitadora de professores em um projeto do Estado em que usávamos programas com informações educacionais.”*

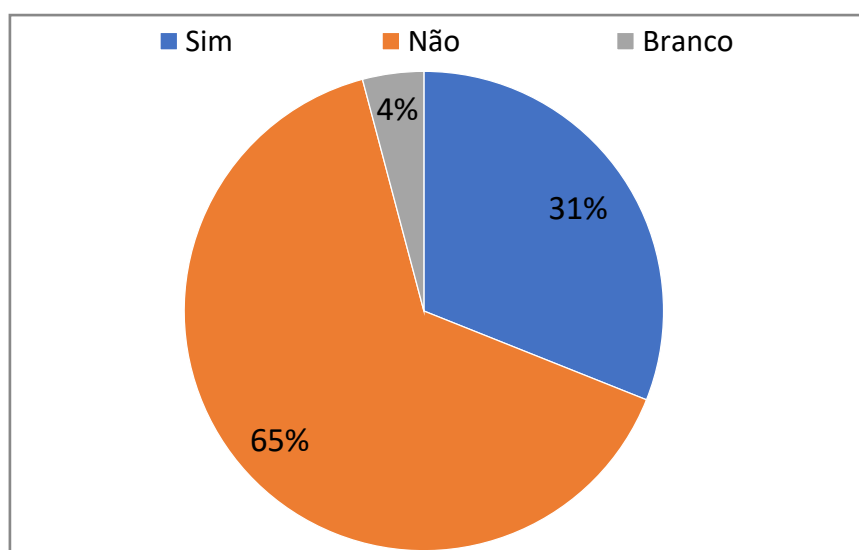
A diversidade de oportunidades formativas apresentadas pelos docentes são inúmeras, sendo majoritárias as repostas referentes aos cursos ofertados pelas secretarias de educação dos estados citados na pesquisa, assim como em EAD e midiáticos como a revista Nova Escola e TV cultura. Citando apenas alguns, pois somente metade dos que responderam positivamente é que de alguma forma lembraram alguns nomes de programas, projetos, cursos, entre outras oportunidades encontradas. Ao apontar esses programas, os professores voluntários participantes dessa pesquisa não justificaram as escolhas para citá-los. No entanto, Citelli (2010) argumenta que:

[...] a maioria dos docentes em serviço espera, hoje, programas de formação continuada que os auxiliem a acertar o passo dialógico com as demandas diferenciadas dos alunos, quase sempre vindas das áreas da imagem, da informática ou, genericamente, dos meios de comunicação (CITELLI, 2010, p. 83).

O autor aponta para uma perspectiva continuada de aprendizagem na formação professores de modo que possam atender as demandas diferenciadas dos alunos.

Outro item investigado foi se tinham realizado algum curso de formação continuada voltado ao trabalho com os meios de comunicação em sala de aula (Gráfico 4): 158 disseram que sim, 330 não e 21 deixaram em branco, sendo que nenhum dos colaboradores que afirmou ter participado, informou sobre o referido curso. Para os que responderam positivamente foi solicitado que dissesse qual, entretanto, não houve eram respostas.

Gráfico 4: Realização de cursos de formação continuada voltada para trabalho com os meios de comunicação



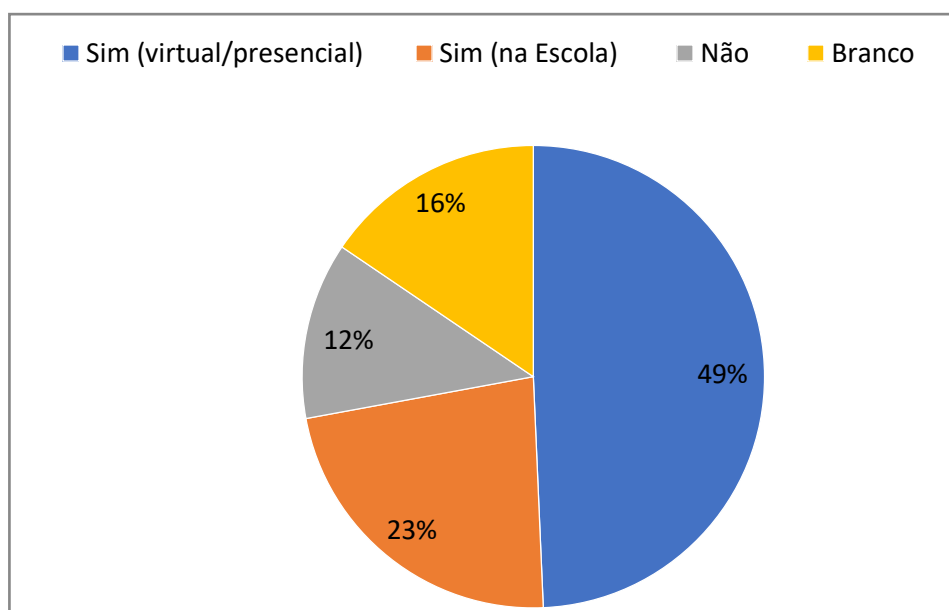
Fonte: das autoras, 2019

Se em caso negativo à questão acima, foi questionado se gostariam de realizar algum curso destinado à formação para o trabalho com os meios de comunicação na sala de aula. A questão foi de múltiplas escolhas com as seguintes alternativas: (a) Sim, independentemente do local do curso ou se é virtual/presencial, 251 escolheram esta opção; (b) Sim, desde que o curso fosse ministrado em uma das escolas nas quais leciona, esta foi escolhida por 116; (c) Não, no momento eu não gostaria de fazer curso desse tipo, esta foi escolhida por 63, do total 79 deixaram em branco.

Diante das respostas (Gráfico 5), observa-se que mais de 70% dos docentes gostaria de participar de cursos de formação continuada, seja em ambiente virtual/presencial, independente do local, se dispõem a participar como um percentual de

49% e 23% informam que gostariam que fossem ministrados em uma das escolas que lecionam.

Gráfico 5: Pretensão de realizar cursos destinados à formação para o trabalho com os meios de comunicação na sala de aula



Fonte: das autoras, 2019

Nota-se muitos docentes interessados em formação continuada. Com relação à esta possibilidade, Gatti e Barreto (2009) argumentam que há falta de clareza sobre o que pode ser considerado formação continuada. Para as autoras, as “formações” vem sendo consideradas formações continuadas mesmo que não haja troca de saberes teóricos-práticos: cursos realizados após a graduação; reuniões pedagógicas; participação na gestão escolar; horas de trabalho coletivo na escola; congressos, seminários e cursos de diferentes formatos oferecidos pelas Secretarias da Educação ou outras instituições presenciais ou à distância. Na perspectiva de (FREIRE, 1993) a educação é um processo permanente, portanto, todos os processos educativos com a família, comunidade, formação inicial, continuada apontam que estamos sempre aprendendo, ou seja, *no saber que podemos saber mais* (FREIRE, 1993, p. 20). Contudo, Freire (2001, p. 71) discordava das práticas de formação de professores, que chamava de “pacotes, elaborados por “meia dúzia de especialistas”, que “transpiram autoritarismo”, cabendo aos professores o papel somente de aplicar o que aprendeu “docilmente”, para melhorar a qualidade na educação.

Neste sentido, aponta para formações que elevem o protagonismo do professor e o caráter não instrumental destas.

2. A diversidade da/na formação para o exercício profissional

Em sua grande maioria, os docentes não tiveram oportunidades formativas durante a graduação e aqueles que tiveram, poucos nominaram as disciplinas, sendo ainda diversas quando aparecem, portanto, é como se não houvesse um percurso consensual sobre o estudo e a inclusão na matriz e currículos. Nesta perspectiva, a presença da educação midiática e tecnológica torna-se um dos aspectos mais urgentes em um contexto que está completamente imbricado com os dispositivos digitais e móveis, cuja velocidade é pouco compreendida pela escola, se constituindo, portanto, em uma problemática a ser considerada durante as formações inicial e continuada.

Sobre os entendimentos e construtos nas formações, estes parecem pertencer a temporalidades diversas, um fora dos muros da escola, passando a centralizar o efêmero em detrimento do pensar sobre as possibilidades que promovem os destempos, daquele de dentro do espaço escolar, que exige escuta e espera, diferente em velocidade, uma vez que não está relacionado à potencialização da tecnologias como mercantilização globalizada, mas como processo.

Os tempos das formações, variam não apenas de conceitos e termos, como o lugar onde é incluído, deste os processos identitários que os classificam e definem, bem como, se faz parte desde o início ou em algum momento da graduação.

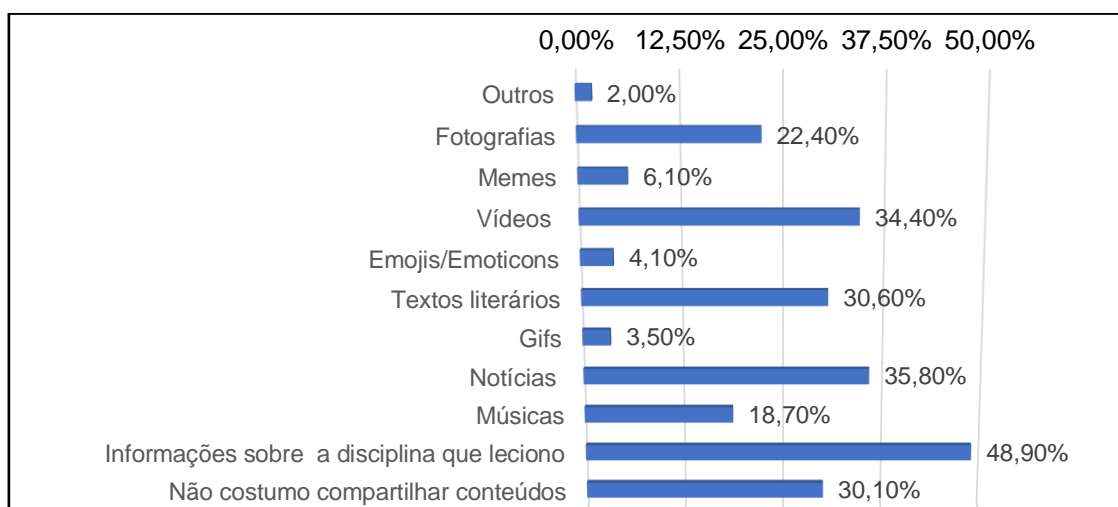
A diversidade encontrada não apenas denota os processos criativos e autônomos que as formações têm promovido, assim como apresenta um percurso de (in)definição sobre quais aspectos e características envolvem a área. Como visto nas denominações das disciplinas, os termos são muitos, assim como também apareceu na pergunta. Portanto, questiona-se: tal abertura não fragiliza os direcionamentos nas formações, uma vez que, os movimentos e escolhas são diversos? Esta é uma constatação que se reforça com as respostas dos docentes, cuja percepção não apenas é vista através do que dizem no questionário, bem como, a maioria que não teve oportunidade de estudo na formação inicial, àqueles que tiveram na formação continuada, observando, contudo, que em número não abrange a totalidade dos sujeitos que responderam os questionários.

3. Interação do docente com os meios comunicacionais

O mundo contemporâneo está permeado em suas relações e práticas sociais pelos recursos tecnológicos e midiáticos. Não podemos ser ingênuos e considerar que os docentes estão alheios a isso. Com relação a inserção de tecnologias e mídias na vida dos docentes identificamos na pesquisa que o professorado possui contato pessoal para/nas suas práticas em sala de aula. Por exemplo, a investigação revelou que os professores no uso pessoal da internet (95,6%) a utilizaram para pesquisar, (90%) para ler notícias, (89,8%) para preparar aulas, (78,6%) trocar e-mails, (78,5%) para acessar redes sociais, (68,2%) para realizar cursos online, (44,22%) compartilhar conteúdos com alunos, (17,3%) jogar e (2%) outros. Nota-se que é bastante relevante na vida do professor a pesquisa, o preparo de suas aulas e sua preocupação com formação continuada por meio da realização de cursos *on-line*. No entanto, com relação ao uso de conteúdos digitais e mídias (vídeos, músicas, notícias, etc) como investigado em para realização nas práticas em sala de aula, ainda encontra-se uma presença tímida e restrita.

Na questão *Você utiliza videoclipes, novelas, séries, filmes, propagandas, telejornais, jornais, revistas, etc para ministrar aula?* 16,% sempre o fazem, 40,1% quase sempre, 33,4% raramente e 7% nunca. Por meio da questão *Que tipo de conteúdo digital costuma compartilhar com seus alunos?* reconhecemos que tal compartilhamento ainda é reduzido conforme podemos visualizar o Gráfico a seguir.

Gráfico 6: Compartilhamento de conteúdos digitais com os alunos.



Fonte: das autoras, 2019

Lamentavelmente, muitos contextos escolares não possuem infraestrutura (falta equipamento, ou estão obsoletos, rede de internet inapropriada, dentre outros problemas) para que os professores possam realizar tal empreitada. Mas, conforme mostra-nos a investigação, ainda existem dificuldades na formação docente com relação aos estudos voltados para a interface comunicação e educação.

A demanda parte da realidade contemporânea, assim reconhecer que a formação inicial tem menos de 20 anos de inserção das tecnologias e mídias no contexto da matriz curricular para a docência, tal percurso, ainda não foi suficiente para contemplar a amplitude da ausência no preparo destes profissionais. A presença dos aparatos tecnológicos e possibilidades formativas em serviço, incluindo os meios comunicacionais é considerada ainda uma construção a ser realizada, destacando que sua interação na vida não é suficiente para (re)pensar a presença nas práticas profissionais.

As respostas apresentaram que a maioria dos professores gostaria de participar de uma formação, o que se constitui um aspecto positivo, entretanto, sobre os programas que conhecem, deixam claro que há uma diversidade pouco compreendida, o que pode nos levar a questionar os percursos teórico-metodológicos da/na formação.

Considerações Finais

As respostas e análises da investigação realizada pelo grupo de pesquisadores do MECOM (Mediações Educomunicativas) permite-nos concluir acerca da necessidade de mais enfoque de educação midiática e tecnológica nos planos pedagógicos curriculares das licenciaturas em geral nas formações iniciais, mas também em ações durante processos em exercício, no *locus* da sala de aula que permitam que aos professores realizarem reflexões sobre a própria práxis. Simultaneamente, é importante intensificar as pesquisas das estratégias de formação de professores em educação midiática e tecnológica, bem como incrementar/aumentar a comunicação científica dessas investigações.

As formações, como demonstraram os dados não possuem o mesmo percurso, apresentando interpretações diversas, o que, a priori deixa o entendimento de que trata-se de uma área ainda na definida e/ou estruturada para a qualificação e a prática profissional do docente. Assim, este estudo propõe a partir dos dados coletados, que estes possam ser indicativos às convergências teórico-metodológicas das abordagens,

possibilitando a construção de uma práxis identificada e/ou reconhecida como processo de mediação necessário.

Referências

CALVANI, Antonio. **Manuale de technologie dell'educazione**. Firenze, Italia: Edizioni ETS, 1997.

CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e Educação: convergências educomunicativas. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol .7, n. 19, p. 67 - 85 jul. 2010.

_____. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: n: CITELLI, Adilson Odair e COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

FREIRE, Paulo . **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

GATTI, Bernadette Angelina; BARRETO, Elba Siqueira S. (Coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: http://rizomas.net/arquivos/professores-do-brasil_pesquisa-unesco-2009.pdf. Acesso em: 25 jun. 2019.